

De *Francisco Carvalho*

Madre pérola

Madre Teresa
de Calcutá.
Madre Pérola.

Teu olhar penetra
na carne e apaga
a chama da lepra.

Anjo das ruas,
enxugas as lágrimas
dos olhos das rugas.

Em cada artéria
do teu corpo,
palpitam as asas

de uma libélula.
Madre dos párias,
Madre Pérola.

Sísifo e a pedra

A mesma pedra
o mesmo percurso
as mesmas sombras
que se bifurcam.

O mesmo absurdo
a mesma insônia
que vai e volta
como uma onda.

O mesmo enigma
o mesmo espanto
as mesmas cobras
dentro do pântano.

O mesmo raio
que esmaga a pedra
o mesmo látigo
que dilacera.

O mesmo abismo
que se escancara.
Como uma porta
que não se abre.

Gralhas

Áspero som de gralhas
ou de serra elétrica.
Como se fosse um grito
das entranhas da terra.

O rumor do progresso
sangra as veias das árvores.
Das lápides urbanas
de até setenta andares.

Esses caules perfumados
para os armários de cedro.
As resinas e os aromas
para as insônias do sexo.

Essas tumbas verticais
para os mortos ilustres
que entre rosas apodrecem
com seus mitos inúteis.

A noite já se aprofunda
entre criptas e raízes.
Mas esse rumor de gralhas
perfura as minhas pupilas.

Tarde pública

A tarde repousa
sobre os viadutos,
o pólen das lápides
dos mortos ilustres.

Tarde dilacerada
pelas folhas mortas.
As nuvens são panteras
de uma floresta exótica.

Tarde sonolenta
de douradas pálpebras.
Cães e abutres sangram
pelos arrabaldes.

Nessa tarde ubíqua
de cabelos brancos,
palavras e utopias
se afogam nos pântanos.

Morcegos e andorinhas
no azul desenham curvas.
Pombas se entrelaçam
nessa tarde pública.